CRÓNICA DO BAIRRO

«A riqueza do Bairro»

Riqueza, do substantivo próprio de quem é rico no feminino, num Bairro qualquer, também substantivo próprio, mas no masculino. Por falar em Bairro, a riqueza maldita aliciou o colono a descobrir a terra que afinal já existia mas sua gente era quase que alheia a sua existência. Entretanto, esta riqueza até então implícita, ao mesmo tempo maldita para esta gente que habita esta terra ‘‘Bairro’’ que um dia apercebeu-se da sua existência e conta-se ter corrido com o colono empunhando catanas numa luta desproporcional ante o colono armado com um exército, mas, estava em jogo uma maldição, a riqueza. Esta mesma maldição, aliás, a riqueza, viria a incitar a gente que se tinha libertado, supostamente do mal maior, o colono, numa guerra fratricida onde a riqueza foi tão útil quanto inútil à ambas partes, gerando alianças e diferenças entre eles e nós ou melhor, entre nós e eles nos dias que ainda correm de maldição, melhor dito, de riqueza. A riqueza empobrecente e reinante entre gerações, da utopia à da euforia, sempre presente de forma patente nas famílias completas e incompletas. A riqueza atractiva que produziu pobres vaidosos e ricos de nada é a mesma de 75, 92, 2008, 2012, 2017, 2022 e será sempre enquanto existir na sua essência material e imaterial, no solo, no subsolo, no ar e no mar. A riqueza maldita beatificou diabos à santos e negou santidade aos anjos num ápice do cambio flutuante do Kwanza que nunca esteve burro na Sonangol, na Endiama, no Fundo Soberano ou no BNA, sempre ao serviço da gente. A riqueza maldita deste Bairro qual ápeiron tácito ausente em circunstâncias convenientes, é por isso maldição, tão tangível quanto inacessível. A riqueza do Bairro, é a fezada da sobrevivência, na fuga a malária que faz transcender diariamente milhares e o pão nosso de cada dia, a esperança de esperar pacientemente pelo dia da partida à outra dimensão, atropelado ou violado, mas com direito à um enterro condigno típico dos Bairros ricos qual é esse onde o Catambor faz fronteira com a Mainga e Ilha com a Chicala, num tão perfeito arranjo de proximidade como as lixeiras e os casebres ou as centralidades e os musseques, aliás, somos um só povo e uma só nação.

Viva o nosso Bairro!

Escrito e assinado por mim, Lopes Almeida Joaquim (***Kissama do Bairro, o Assistente Social da família***)